

## MULHER BRASILEIRA, TRABALHO E VIDA COTIDIANA NA HOLANDA

**Área de Conhecimento:** TRABALHO

**Tipo de Atividade:** Grupo de Trabalho Temático

**Autor(es)**

LUCIANE PINHO DE ALMEIDA

Universidade Católica Dom Bosco

[luciane@ucdb.br](mailto:luciane@ucdb.br)

### **Resumo**

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa realizada com mulheres brasileiras que moram na Holanda. A partir dos anos 80, os brasileiros começam a buscar melhores condições de vida e trabalho, emigrando para outros países, principalmente para os EUA e Japão. Escolhemos pesquisar a migração de brasileiras na Holanda, pela característica de seu fluxo ser mais feminino que masculino. Assim, por meio de entrevistas através do relato de histórias orais gravadas com mulheres brasileiras que emigraram para a Holanda é possível apontar que estas idealizam uma vida melhor para si e para os seus, como também para guardar dinheiro para o envio a familiares brasileiros. Destacamos que, no caso, das brasileiras que vivem na Holanda os postos de trabalho mais assumidos são os vinculados aos serviços de limpeza, camareiras e garçonetes, muitos destes acordados no mercado negro, assim não se asseguram direitos sociais o que provoca muita rotatividade devido à situação de irregularidade de muitas dessas mulheres. A questão da imigração está ligada à questão de trabalho, pois significa a própria sobrevivência para brasileiras que se encontram sozinhas na Holanda, segundo para garantir autonomia, mesmo àquelas que têm ajuda de alguém. Dessa forma, o mercado de trabalho para imigrantes atribui à pessoa um lugar na sociedade, ou seja, um trabalho para imigrantes, como também representa a sua sobrevivência e sua aceitação nessa sociedade, assim elas desejam mostrar suas habilidades e competências, pois sentem-se mais aceitas. O cotidiano das que trabalham na limpeza, foi descrito como “pesado”, outrossim, retratam que devem dedicar-se a “juntar dinheiro” para voltar ao Brasil ou para conseguirem ter vida mais digna. Colocam que a vida é difícil por lá também, todavia acreditam que o trabalho é melhor remunerado e valorizado na Holanda do que no Brasil.. Um dos meios mais usados para encontrar um trabalho é por meio da rede de amigos que vão indicando casas para limpeza, mas destacamos a dificuldade com a língua holandesa. As que falam inglês, têm mais facilidade de conseguir empregos melhores, do que aquelas que não falam nem holandês e nem inglês. Enfim, procuram através da emigração uma oportunidade de melhoria na qualidade de suas vidas e tomam a saída do Brasil como uma das únicas alternativas possíveis para sanar dificuldades financeiras em suas vidas. Por fim, o sonho do retorno ao Brasil se mistura com o objetivo de economizar o bastante para recomeçar no país de origem.

**Palavras-Chaves:** Mulher Brasileira, Trabalho, Vida Cotidiana, Holanda

## INTRODUÇÃO

O problema das migrações internacionais vem sendo muito debatido nos últimos anos em toda a Europa e outros países em condições sócio-econômicas privilegiadas perante o restante. Cada vez mais esses governos se armam contra a entrada ou não de outras etnias, provindas de países em desigualdade econômica, que buscam fugir da guerra, da fome, do desemprego, e etc...

Com a crise dos anos 80 no Brasil, muitos brasileiros engrossaram as filas de saída do país à procura de uma vida melhor no exterior. Eles vão para todas as partes do globo:

Esta nova realidade do Brasil como um país que entrou na contramão de sua história, que a partir da crise dos anos 80 passou a ver cada vez mais engrossadas as fileiras de seus habitantes que deixam o país à procura de melhor sorte nos países estrangeiros, é uma das facetas de nossa recente integração no cenário internacional em tempos de globalização. Começamos a fugir da assim chamada 'década perdida' pelos portões de embarque dos aeroportos internacionais. (SALES, 1999, p. 14).

Com a globalização e a evolução das tecnologias aumenta a procura por uma outra forma de vida, seja para uma aventura, seja à procura de um trabalho ou outra razão qualquer.

Nessa pesquisa, buscamos estudar exatamente essa problemática, mais especificamente a questão da mulher brasileira e suas representações sociais do trabalho e cotidiano de vida em um país estrangeiro, neste caso a Holanda.

Essa reflexão nos levou a pensar se não poderíamos estudar como se dão as relações sociais da mulher brasileira na Holanda, de acordo com suas representações sociais, que nos parecia uma temática um tanto diferente, além do que, possuía uma abrangência interessante e necessária para que o Brasil pudesse enxergar uma nova problemática – *a de brasileiros que estão emigrando cada vez em maior número para o exterior*.

### **1. Mulheres Brasileiras na Holanda: A pesquisa.**

Quando a economia começa a dar sinal de crise, é comum as pessoas entrarem no universo de escolhas práticas, na qual a ordem é PRIORIZAR para, então, sobreviver. É no contexto da globalização mundial que se instaura novos padrões de produzir e de gerir o trabalho e ao mesmo tempo, reduz-se a demanda de trabalho, ampliando a população sobrando e fazendo crescer a exclusão social, econômica, política e cultural de famílias inteiras. Segmentos cada vez maiores da população tornam-se sobrados, desnecessários. Existe "gente demais" para as necessidades da acumulação capitalista.

O mundo atual se depara, portanto, com uma fragmentação do mundo do trabalho, um agravamento do desemprego e da precariedade do emprego e uma redução da contratação de mão-de-obra de acordo com as leis trabalhistas.

Perante essa realidade, muitos são os brasileiros que estão saindo do país em busca de melhores condições de vida e trabalho e principalmente “ *ganhar dinheiro, economizar, mandá-lo para o Brasil*”. (Margolis, 1994, p. 179).

Na Holanda, essa realidade não é diferente. Aquelas que realmente foram com a intenção de trabalhar para ajudar a família percebem o peso do trabalho para conseguir enviar dinheiro ao Brasil e sentem a obrigação de sustentar a família, já que tiveram a possibilidade de se mudar para um país que oferece um salário mais digno (conforme colocam) ao trabalho que se executa.

Ao elaborarmos nosso projeto de pesquisa e recolhermos bibliografia necessária à discussão da temática, percebemos que no Brasil ainda é muito recente a discussão sobre as migrações internacionais de brasileiros.

Utilizamos em nossa metodologia de trabalho para coleta de dados, entrevistas orais gravadas que depois foram transcritas e analisadas seu conteúdo. Trabalhamos, portanto, numa abordagem qualitativa. As entrevistas foram realizadas com mulheres brasileiras residentes em diversas cidades da Holanda como exemplo, Woerden, Utrecht, Amsfoort, Roterdã, Amsterdã e outras, as quais eram agendadas anteriormente via telefone ou pré-marcadas com outras pessoas, amigas dessas mulheres.

Vale ressaltar, que esse procedimento metodológico possibilitou um diálogo intenso entre o pesquisador e o pesquisado, permitindo retomar a vivência de forma retrospectiva, fornecendo material rico para a análise posterior através, de um roteiro de perguntas. Os nomes utilizados para identificar os sujeitos de pesquisa (mulheres brasileiras que vivem na Holanda) são nomes de flores, portanto, fictícios para o resguardo de sua identificação.

Dessa forma, vivemos momentos muito intensos, nos quais histórias de brasileiras foram reconstruídas e recontadas, identificando as representações sociais de nosso povo e de nossa história.

## **2. Cotidiano e Trabalho: a busca da dignidade de vida**

Como já foi apontado anteriormente, muitas mulheres brasileiras mudam-se para a Europa para trabalhar. No caso das brasileiras que residem na Holanda para trabalho, buscam a partir deste, sua sobrevivência e sonham com um retorno ao Brasil.

*Pretendo visitar o Brasil, mas voltar para continuar trabalhando. Depois eu quero ir embora definitivo. Minha família é muito grande e são todos sem condições. Não posso ajudar todo mundo que não dá, mas o que eu puder fazer enquanto eu estiver aqui, eu farei. (Íris).*

Vale ressaltar que, quando a intenção é juntar dinheiro ou enviar dinheiro, os brasileiros que estão fora do país “*assumem qualquer função que esteja disponível – servir mesas, engraxar sapatos, limpar casas, dirigir rádio-táxis, dançar em boates, preparar concretos ou vender livros na rua.*” (Margolis, 1994, p. 179). No caso, das mulheres que vivem na Holanda, os subempregos estão mais restritos aos serviços de limpeza, de camareiras e de garçonetes.

As mulheres entrevistadas apontam que fizeram os mais variados tipos de trabalho, e que somente com o tempo é que vão conseguindo melhores empregos e estabelecendo raízes. O primeiro emprego normalmente é conseguido com a ajuda de amigos brasileiros que já residem algum tempo na Holanda, ou seja, é usada a rede social que se forma entre amigos para que possam também se ajudar, usada como uma estratégia de sobrevivência. Assim para as entrevistadas, o primeiro emprego sempre é o mais difícil, depois fica mais fácil arrumar uma vaga de trabalho, principalmente em casos de faxina. Segundo Margolis (1994, p.185), nos EUA, “*as mulheres têm tido uma quantidade de empregos algo maior do que os homens.*”

*... meu primeiro trabalho foi na verdade de faxineira, eu trabalhei na casa de 07 pessoas, depois num café onde eu morava. Depois de um ano, eu fui trabalhar num barco (...) nesse lugar e já fiquei mais integrada, porque eu tinha companheiros de trabalho, já era convidada para sair, para jantar. Quando eu trabalhava no café que eu limpava, era só eu, não tinha contato com as pessoas. Depois fui trabalhar em um banco, através de uma amiga...(Orquídea).*

No caso das mulheres que imigram em situação de regularidade, ou seja, são possuem passaporte europeu e permissão para permanência no país, assim como para realizar trabalho, nesses casos as mulheres que também sabem falar inglês ou holandês conseguem mais facilmente uma oportunidade no mercado de trabalho considerada de melhor status, remuneração, direitos sociais e trabalhistas garantidos. Àquelas que, porventura, estão em situação de irregularidade, ou seja, sem a permissão de permanência no país, estas não possuem direito ao trabalho e, portanto, encontram seus postos de emprego limpando casas de famílias ou como babás de crianças, também em trabalhos temporários ou aqueles que não se exige muita qualificação.

Muitos desses empregos são acordados no mercado negro e a maioria deles, na Holanda consiste de faxina em casas de família ou bares. Há, pois, uma corrente migratória que favorece a saída do Brasil para a Holanda.

Para Sales (1995a, p. 07), o trabalhador imigrante tem suprido consideravelmente a demanda variável de mão-de-obra desqualificada. A presença desses trabalhadores, e principalmente dos imigrantes ilegais, no mercado de trabalho dos países capitalistas avançados é decorrência, em última análise, de uma característica estrutural do capitalismo em suas atuais carências de mão-de-obra, na qual os trabalhadores que estão no setor informal moderno seriam a expressão mais contundente da flexibilização da força de trabalho.

Algumas mulheres imigram juntamente com famílias brasileiras, um fenômeno parecido com a migração de mulheres nordestinas para os grandes centros do nosso país, estas recrutadas para o trabalho doméstico. Foram encontrados mais de um caso como esse. Também vale mencionar que a principal observação, por parte das brasileiras que mencionaram essa problemática têm sido de que a exploração do trabalho por parte dessas FAMÍLIAS DE BRASILEIROS muitas se faz como um cativo ou trabalho escravo, pois paga-se muito pouco e tem-se o trabalho em tempo

integral. A principal alocação de mão-de-obra feminina tem sido efetivada por brasileiros que residem no exterior, para trabalhos *domésticos e de baby-sitter*. Mulheres nessas condições têm pouco conhecimento cultural, não falam a língua do país em que estão residindo, o que colabora para dar facilidade ao cativo.

O que percebemos nos depoimentos de algumas mulheres é que esse tipo de emprego é caracterizado também por alta rotatividade. Muitas das vezes, as trabalhadoras ao visualizarem novas possibilidades de trabalho, deixam os empregos que menos atendem às suas expectativas.

*... uma empresa precisa de alguém para fazer aquele 'serviço chato' . Se tem alguém que está há anos fazendo, sem reclamar, eles te deixam lá fazendo. Mas se você reclama, eles podem te mudar de uma hora para outra. Isso é experiência própria, lá nesse restaurante em que eu trabalhei, depois de um tempo, eu disse: '... eu quero fazer outra coisa, quero aprender mais...' , logo eles me deram algo melhor. Eles são muito verbais. Quando eu saí desse primeiro restaurante, já fui pro outro e fui dizendo que queria ganhar tanto, queria um contrato assim, assado...' E eu ganhei tudo o que eu pedi, porque no primeiro eu estava meio insegura, não falava a língua tão bem, etc... A gente muda também, porque tem que ser igual, senão eles passam por cima de você, não te vêem. (Dália).*

Com relação ao trabalho na Holanda, alguns mulheres relatam que todo trabalho é passível de negociação entre as partes, desde o negociar de salário até o próprio trabalho e tudo é descrito em contratos de trabalhos detalhados. Rosa coloca essa negociação entre Empregador X Empregado como “*uma conversa de mão dupla*”, assim, as brasileiras mostram que possuem uma concepção de que o trabalhador vende a sua força de trabalho pelo preço que ele pode negociar:

*Você tem uma conversa de mão dupla onde você diz tudo o que você pensa e eles também. Você diz como você é, e também questiona como é a empresa. (Rosa).*

O cotidiano das mulheres que imigram para o trabalho é permeado de atividades, algumas fazem trabalhos por jornadas extensivas, embora todas são unânimes em afirmar que o serviço doméstico na Holanda é menos pesado que no Brasil. As casas são melhor equipadas de aparelhos eletrodomésticos, como máquinas de lavar, de secar, fornos microondas, aspiradores de pó e etc...

Apesar da língua não ser a mesma, as brasileiras acham formas de comunicação que vão desde a busca de termos no dicionário, gestos, até a ajuda de amigos para entender o que os patrões falam. Os trabalhos domésticos funcionam a partir de uma rede de amigos e conhecidos que indicam postos de trabalho, casas de outros amigos que podem pagar uma faxina de vez em quando, etc...

Se, por um lado, as jornadas de trabalho podem ser construídas pela própria pessoa, que vê em quantas casas deseja trabalhar, por outro lado, as jornadas de trabalho são construídas de forma intensa, pois o objetivo oculto do trabalho e da vida na Holanda é a *remuneração* que se ganha e que se quer guardar para trazer ao Brasil e recomeçar a vida.

*De segunda a sábado, e aos domingos, se tiver alguma coisa, eu trabalho. Eu abro mão de sair, abro mão de todas as coisas para trabalhar. Por dia eu trabalho 08 horas. Tem dia em que eu trabalho mais horas e recupero em outros. (Violeta).*

Para as mulheres que trabalham nos serviços domésticos limpando casas, lojas, apartamentos, comércios, bares e hotéis, o objetivo maior é guardar dinheiro para o retorno ao Brasil. O sonho da volta se mistura com o objetivo de economizar o bastante para recomeçar a vida no Brasil com o mínimo necessário à sobrevivência, à casa própria, que é o maior desejo dessas mulheres.

*Eu estou aqui há um ano, vai fazer dois anos em outubro. Guardo o dinheiro e o resto dá para se virar, mas tudo tem seu objetivo. Meu pai acha um absurdo, não fala nada, mas quer que eu vá para escola. Trabalhar é importante, mas importante é também levar alguma coisa, porque é bom pro Brasil. No ano que vem que vou diminuir trabalho, eu vou estudar, mas primeiro eu vou ter minha casa. (...) Minha irmã veio para ficar um ano, mas num ano ela não conseguiu o objetivo dela, que era comprar uma casa. Ela é casada e não conseguiu. Houve muita dificuldade de trabalho, mas depois de dois anos ela conseguiu e voltou para casa. Eu fiquei, porque no que eu quero [de dinheiro] ainda não cheguei. Não sei se até dezembro eu vou conseguir. Mas até julho do próximo ano, eu vou conseguir e não quero ficar mais. (Violeta).*

Os países de destino das migrações internacionais têm apontado como principal representação social do trabalho, *uma oportunidade de melhoria na qualidade de vida dos imigrantes brasileiros* que lá chegam e tomam a saída de seu país como uma das *únicas alternativas possíveis para sanar algum período de dificuldade em suas vidas*, principalmente no que tange à dificuldade financeira.

As mulheres entrevistadas admitem que tiveram dificuldades para começar a trabalhar, primeiro por causa da língua, sem falar é muito difícil arrumar algo, depois alegam que é muito difícil concorrer com holandeses, com relação a empregos em empresas maiores:

A rotina de trabalho das mulheres que trabalham com faxina foi descrita por elas como bastante “*pesada*”, suas representações sociais retratam que o tempo em que lá se encontram deve ser de plena dedicação a “*juntar dinheiro*” para voltar ao Brasil ou para conseguirem ter vida digna na Holanda. Assim, as mulheres entrevistadas descrevem sua rotina e como realizam seu trabalho.

*Eu vivo aqui, eu trabalho demais, eu trabalho de domingo a domingo. No dia da minha folga, se alguém me liga, eu vou atender ou pode ir na minha casa. Eu trabalho muito, continuo trabalhando, lá no salão eu trabalho 04 dias, eu continuo trabalhando até mais do que no Brasil, porque aqui você não tem quem te ajuda em casa. Se você for pagar alguém para lavar sua roupa e limpar sua casa, seu dinheiro fica lá, porque é por hora, elas cobram dez euros por hora. Eu cobro 20 euros para fazer a mão e 25 para fazer o pé, quando vou até a casa da pessoa. Eu tento fazer em uma hora e meia no máximo para eu ter lucro.*

*Aqui eles cobram para fazer pé e mão por hora, nos salões de holandesa é por hora. Por meia hora elas cobram 19 euros, é o preço que eu cobro para fazer completa. Elas não tiram a cutícula, não fazem tudo, empurram a cutícula, dá uma lixada na unha, passam creme. Eu cobro menos, mas deixei de trabalhar para brasileira, porque brasileira aqui não quer pagar o preço da Europa, brasileira quer pagar o preço do Brasil. Eu tive tanto problemas! Elas querem ganhar o dinheiro da Europa, mas querem pagar o preço do Brasil.*

*Minha vida melhorou 100% e eu não ganhava mal no Brasil, eu ganhava 05 salários, mas eu trabalhava de segunda a sábado, trabalhava muito. (Begônia).*

Segundo Begônia, a vida na Holanda é “cara” e, embora ela ache que ganhe muito trabalhando como manicura, ela argumenta que tem que trabalhar muito para compensar financeiramente. Realmente se comparado ao Brasil, fazer a manicura de pé e mão no Brasil fica entre R\$ 10,00 e R\$ 30,00, dependendo da região brasileira e do tipo de salão. Na Holanda, esse valor seria de aproximadamente EU\$ 45,00; se pensarmos que o euro hoje vale três a quatro vezes mais que o real, o valor seria de cerca R\$ 135,00. Seria, de fato, muito caro para o padrão brasileiro e também para o padrão europeu, pois na Holanda os salários variam entre EU\$ 1.000,00 e EU\$ 2.000,00 para um trabalhador mediano. Ou seja, um trabalhador de baixo escalão, um auxiliar administrativo, por exemplo, não poderia gastar EU\$ 200,00 euros por mês somente para fazer as unhas, todas as semanas. O preço é alto, na verdade para o padrão da população em geral.

As representações sociais encontradas na verbalização de Begônia versam sobre trabalho e cotidiano na Holanda. Para ela *a vida é difícil por lá também*, todavia acredita que *é mais valorizada e melhor remunerada* nesse país do que no seu país de origem. Ela pode, inclusive, enviar dinheiro à sua família para ajudá-los financeiramente, o que não podia fazer antes, quando morava no Brasil.

Percebe-se, também, a vontade de se aperfeiçoar no trabalho que se está desenvolvendo. Assim como Dália, Tulipa também realizou um curso de culinária com duração de 02 anos, um dos muitos cursos profissionalizantes na Holanda. Lá se estuda desde corpo humano, anatomia humana, nutrição, valores calóricos e nutritivos dos alimentos até a sua preparação. Assim, também Begônia gostaria de fazer um para se especializar em problemas no pé (calosidades, dermatites e etc...).

As entrevistadas revelam também a necessidade que sentem em mostrar suas habilidades e competências a ponto de se compararem com um holandês. O mercado, embora ofereça emprego apresenta competição para o preenchimento de vagas e para brasileiras também há discriminação para ocupação de vagas no trabalho.

*...mas o resto enfrenta muita discriminação, porque, na realidade, se você vai fazer uma solicitação de emprego e concorre com um holandês ou uma holandesa, eles ganham a vaga. Penso que tanto no Brasil como em outro país sempre tem os protegidos. Mas tento não pensar nisso, para não me desmotivar.. (Rosa).*

Melissa também concorda que, quando a vaga de contratação é para uma empresa holandesa, a preferência é sempre para holandeses, muito mais do que para outras nacionalidades.

*...O fato de você ser estrangeira às vezes, algumas vezes ou muitas vezes faz diferença. Por mais que você tenha determinado nível, por mais que você tente, tem diferença. Tem lugares em que é mais fácil entrar um holandês. Às vezes precisa realmente de um holandês mais fluente, eles olham isso. Uma empresa internacional é mais aberta e você pode ir entrando, até porque é mais fácil o inglês. (Melissa).*

Violeta afirma que o preconceito existe contra os estrangeiros e, por consequência, em relação aos brasileiros. Muitos dos preconceitos perpassam pela mentalidade e idéia do outro, de raça e cor.

Assim o cotidiano de trabalho de mulheres brasileiras que residem na Holanda é marcado por desafios diários que vão desde a conquista do primeiro emprego até trabalhos melhores remunerados e reconhecidos, assim como a constante busca pela saída do estado de irregularidade, ou seja, a conquista do passaporte ou ainda de dinheiro suficiente para o retorno ao país de origem, o Brasil.

Por fim, registramos que teríamos ainda muitos aspectos a tratar nessa questão, mas não o exploramos todos nesse artigo, apenas queríamos suscitar a discussão da situação de brasileiras que trabalham no exterior, mais especificamente na Holanda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão das migrações internacionais de brasileiras em um de seus aspectos, está intimamente ligada à questão de trabalho, primeiramente devido à própria sobrevivência para as mulheres que dependem deste dinheiro para o seu sustento diário e em segundo lugar para economizarem a fim de ajudarem os familiares ou a si mesmos na obtenção de uma vida melhor, proporcionando mais dignidade e acesso.

Também há de se destacar que é certo que o mercado de trabalho para imigrantes lhe atribui um lugar na sociedade, por outro lado, a sociedade holandesa atribui *ao imigrante um trabalho para imigrantes*. Ou seja, há um valor simbólico nesse sentido, imigrante aceito é aquele com trabalho, que está colaborando na sociedade, por outro lado, imigrante sem trabalho é custo, prejuízo, ameaça estrangeira. Quer dizer, o tempo de trabalho nada mais é do que o tempo da aceitação, um tempo que se vincula à própria existência do imigrante, para quem o trabalho, além de garantir a sua sobrevivência material do presente, aponta para a sobrevivência numa perspectiva futura.

O trabalho de mulheres brasileiras na Holanda reflete uma problemática maior brasileira que é a do desemprego ou da precariedade de condições sócio-econômicas para a sobrevivência de nossa população. É necessário que reflitamos sobre essas condições e que o Brasil possa propiciar Políticas Públicas necessárias que realmente venham de encontro para atender a população no que tange a condições melhores de vida.



## REFERENCIAS

ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Primeiros Passos, 187).

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BERGER, Peter. L., LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 16 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998. Original inglês: *The social construction of reality*.

COSTA, Kinha. *Impressões de uma matuta: aventuras brasileiras nos países baixos*. Rio de Janeiro/RJ: Letra Capital, 2003.

\_\_\_\_\_, Kinha. De faxineira a dona de condomínio: ex-empregada doméstica brasileira economiza na Holanda e investe no Brasil. In: *REVISTA PAPAGAIO*. N. 65. p. 08-9. Rio de Janeiro/Amsterdam: Sucursal Rio/ZZ Produções/Fundação Encontro, jun.-jul. /2004.

DOISE, Willem. Atitude e representações sociais. In: *As representações sociais*. Denise Jodelet (org.). p. 187-204. Rio de Janeiro/RJ: UERJ, 2001.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. Original alemão: *Alltag und Geschichte. Zur sozialistischen Gesellschaftslehre*.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: *As Representações Sociais*. Denise Jodelet (org.). Trad. Lilian Ulup. p.17-44. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_, Denise. *A alteridade como produto e processo psicossocial. Representando a alteridade*. Ângela Arruda (org.). São Paulo/SP: Vozes, 1998. (Psicologia Social).

MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York*. Tradução de Luiza A. de Araújo e Tânia Bugel. Campinas, SP: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_, Maxine L. A minoria invisível: Imigrantes Brasileiros em Nova York. *Travessia – Revista do Migrante*. Ano VIII. n.21. p. 09-15. São Paulo: CEM – Centro de Estudos Migratórios. Jan.-Abr/ 1995.

\_\_\_\_\_, Maxine L. Na virada do milênio: A emigração brasileira para os Estados Unidos. In: *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais*. Ana Cristina Braga Martes e Soraya Fleischer (orgs.). p. 51- 72. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MARTES, Ana Cristina Braga. Trabalhadoras Brasileiras em Boston. *Travessia: revista do migrante*. Ano IX, nº 26, p.19-23. São Paulo: CEM – centro de Estudos Migratórios. set. – dez., 1996.

\_\_\_\_\_, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 5 ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1998.

MOSCOVICI, Serge. *La psychanalyse son image et son public*. Paris/France: Presses Universitaires de France, 1961.

\_\_\_\_\_, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. *In: As representações sociais*. Denise Jodelet (org.). p. 67-90. Rio de Janeiro/RJ: UERJ, 2001.

PINSKY, Jaime. Nossos negros são mais brancos. *In: Brasileiro (a) é assim mesmo: cidadania e preconceito*. 6.ed. p. 104-109. São Paulo/SP: Contexto, 2000. (Vivendo a história)

SALES, Teresa. Brasil – Massachusetts: cenas de um processo migratório. *O fenômeno migratório no limiar do Terceiro Milênio. Desafios Pastorais*. Luiz Bassigio (org.). p.35-67. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_, Teresa. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA. *In: Cenas do Brasil Migrante*. Rossana Rocha Reis e Teresa Sales (org.). p.17-44. São Paulo: Boitempo, 1999.

\_\_\_\_\_, Teresa. O Brasil no contexto das novas migrações internacionais. *In: Revista Travessia - Revista do Migrante*. Ano VIII. n .21. p.05-08. São Paulo: CEM – Centro de Estudos Migratórios. Jan.-Abr./1995.

SCUDELER, Valéria Cristina. Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA. *In: Cenas do Brasil Migrante*. Rossana Rocha Reis e Teresa Sales (org.). p.193-232. São Paulo: Boitempo, 1999.

SOUZA FILHO, Edson Alves de. Análise de representações sociais. *O conhecimento no cotidiano*. Mary Jane Spink (org.). p. 108-145. São Paulo: Brasiliense, 1995.